

BOLETIM MENSAL DO ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

JUNHO DE 2026

CCDR
NORTE
Agricultura

Divisão de Programas e Avaliação
Divisões Territoriais da CCDR Norte



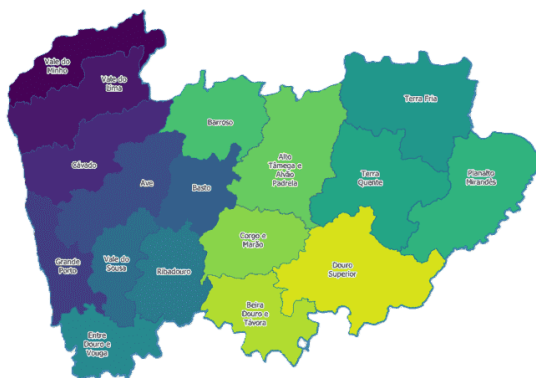
NOTA PRÉVIA

O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal supervisionado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) que, desde 1945, disponibiliza informação de carácter previsional, relativamente a áreas, produtividades e produções globais das principais culturas, ao nível geográfico do Continente. Desde o dia 1 de janeiro de 2024, na Região Norte, a recolha de informação é efetuada pelos técnicos da CCDR Norte distribuídos pelo território, sobretudo das quatro divisões territoriais do Minho, Porto e Douro, Trás-os-Montes e Alto Douro, sob coordenação da Divisão de Programas e Avaliação.

A necessidade da tomada de decisões políticas e económicas a curto prazo, especialmente no contexto específico do setor agrícola, não se coaduna com o tempo de espera por dados obtidos por meio de inquéritos ou de organismos de intervenção económica. Este requisito tem sido cada vez mais evidente nos últimos anos, em consequência do aumento dos efeitos das alterações climáticas. A ocorrência mais frequente de períodos de seca prolongada e eventos meteorológicos extremos requerem uma monitorização contínua do ECPC.

Mensalmente, a CCDR Norte produz este boletim que remete para o INE. Por sua vez, este Instituto, procede à agregação e tratamento da informação a nível do continente, bem como de informação administrativa que se encontre disponível à data, e integra-a no Boletim Mensal de Agricultura e Pescas (INE) que fornece uma visão geral do setor no Continente.

Antes da sua integração nas CCDRs, as Direções Regionais de Agricultura e Pescas foram responsáveis pela monitorização do ECPC durante mais de trinta anos. A coleta de dados era realizada em áreas designadas por "zonas de observação". Estas zonas eram originalmente definidas com base na homogeneidade edafoclimática e coincidiam administrativamente com as então Zonas Agrárias. No entanto, devido a várias reestruturações nos serviços descentralizados do Ministério da Agricultura, as zonas de observação perderam a sua correspondência administrativa. Embora tenha persistido alguma uniformidade no comportamento das culturas nos concelhos de cada zona de observação, o modelo de coleta de dados tornou-se desajustado em termos administrativos.



ZONAS HOMOGÉNEAS

Neste contexto e aproveitando a oportunidade proporcionada pelo Recenseamento Agrícola de 2019 (RA 2019), optou-se por realizar toda a coleta a nível de concelho. Esta mudança facilita a agregação geográfica da informação, nomeadamente por zona de observação (mapa), NUTS III e Sub-Região Agrária.

SIGLAS

CCDR-N	Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte, I. P.;
EDM	Região Agrária do Entre Douro e Minho;
INE	Instituto Nacional de Estatística;
IPMA	Instituto Português do Mar e da Atmosfera
TM	Região Agrária de Trás-os-Montes

ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

Divisão de Programas e Avaliação

Lugar de Codessais - Vila Real

5000-421 - VILA REAL, PORTUGAL

(+ 351 278 260 900 * agrodigital.sia@ccdr-n.pt

<https://agrodigital.ccdr-n.pt/sia/Informação-Agrária/Estado-das-Culturas>

Capa: Cachos da casta "Loureiro", com um bom desenvolvimento vegetativo, Correlhã- Ponte de Lima, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho

FICHA TÉCNICA

Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Rural do Norte, I.P.

Unidade de Desenvolvimento Rural, Agroalimentar e Pescas

Divisão de Programas e Avaliação

Equipa Técnica

Anabela Coimbra

Aurora Alves

Isabel Correia

Jerónimo Côrte-Real Santos

Joaquim Moreira

Maria Laura Cruz

Miguel Martins

Paulo Guedes

Sandra Coelho

Suzana Antunes Fonseca

Coordenação

José Manuel Vieira

Resumo

Junho foi um mês de colheitas, em particular nas fruteiras – forte em cerejas, mirtilos, pêssegos e figos – mas também nas culturas forrageiras, batatas e algumas hortícolas.

Ficou marcado por grande instabilidade meteorológica, com períodos de trovoadas e precipitação intensas, que em partes do território foi de granizo, provocando estragos significativos em culturas como a vinha. A somar a isto, registaram-se temperaturas máximas muito elevadas para a época do ano, que se aproximaram dos 40°C em alguns concelhos.

Apesar da adversidade térmica, os aproveitamentos hidroagrícolas continuam com níveis de armazenamento elevados, garantindo a rega das culturas.

O crescimento e a maturação dos produtos agrícolas estão adiantados em relação ao que seria expectável e culturas como a vinha, o olival e as pomóideas encontram-se em pleno crescimento dos frutos.

A cultura da cereja recuperou das perdas iniciais, nas variedades precoces, e esta revelou-se uma campanha de excelência em termos quantitativos e qualitativos. Contudo, a abundância traduziu-se numa descida dos preços à produção.

As forrageiras também ficaram um pouco aquém das expectativas iniciais, resultado da paragem de desenvolvimento das plantas durante o mês anterior.

Assinalamos a realização da primeira edição da Feira Agrícola de Bragança, que decorreu entre os dias 18 e 21 de junho, na Quinta da Trajinha, em Bragança. O evento contou com uma exposição de máquinas e tecnologia, demonstrações agrícolas ao vivo, concursos local e nacional de raças autóctones, chega de touros, conferências, provas e restauração, quinta pedagógica e desfile de tratores.

Índice

1	<i>Estado do tempo e sua influência na agricultura</i>	7
1.1	Entre Douro e Minho	7
1.1	Trás-os-Montes	8
2	<i>Fitossanidade</i>	15
2.1	Entre Douro e Minho	15
2.2	Trás-os-Montes	17
3	<i>Cereais Praganosos para grão</i>	20
3.1	Entre Douro e Minho	20
3.2	Trás-os-Montes	21
4	<i>Milho grão de Sequeiro Regadio</i>	26
4.1	Entre Douro e Minho	26
4.2	Trás-os-Montes	28
5	<i>Leguminosas secas – Grão-de-Bico e Feijão</i>	28
5.1	Entre Douro e Minho	28
5.2	Trás-os-Montes	29
6	<i>Batata Hortas familiares</i>	30
6.1	Entre Douro e Minho	30
6.2	Trás-os-Montes	33
7	<i>Fruticultura</i>	35
7.1	Entre Douro e Minho	35
	Actínídeas (Kiwi)	35
	Ameixeiras, Cerejeiras e Pessequeiros	37
	Mirtilos	38
	Nogueiras, Castanheiros	40
	Pomóideas	41
7.2	Trás-os-Montes	42
	Amendoeiras, Aveliras, Castanheiros, Nogueiras	42
	Ameixeiras, Cerejeiras, Pessequeiros	46
	Figueiras	49
	Mirtilos	50
	Pomóideas	52
	Sabugueiros	54

8	<i>Vinha</i>	55
8.1	Entre Douro e Minho	55
8.2	Trás-os-Montes	57
9	<i>Olival</i>	60
9.1	Entre Douro e Minho	60
9.2	Trás-os-Montes	61
10	<i>Prados, pastagens e culturas forrageiras</i>	65
10.1	Entre Douro e Minho	65
10.2	Trás-os-Montes	66
11	<i>Tabelas com previsões das áreas semeadas, das produtividades e estimativas da produção</i>	70

1 Estado do tempo e sua influência na agricultura

1.1 *Entre Douro e Minho*

As condições meteorológicas verificadas neste mês de junho favoreceram o desenvolvimento das fruteiras e da vinha, auxiliaram no controlo das doenças criptogâmicas na batata, vinha e fruteiras, facilitaram a fenação, mas prejudicaram a germinação das últimas sementeiras de milho. Também foram importantes na promoção de uma boa taxa de vingamento das diversas fruteiras e potenciaram o crescimento dos frutos, designadamente do kiwi.

A intensa radiação solar queimou as folhas das jovens plantas hortícolas e obrigou à intensificação da rega nas culturas permanentes.

A albufeira do Lindoso, assim como os caudais dos rios, continua com níveis estáveis. Nos regos continua a correr água suficiente para assegurar os tradicionais “giros de água”, característicos desta época do ano.



Figura 1. Caudal no Rio das Pontes evidencia a diminuição do caudal devido à falta de chuva, Guimarães, zona de observação do Ave

Foto por: Jerónimo Côrte-Real Santos

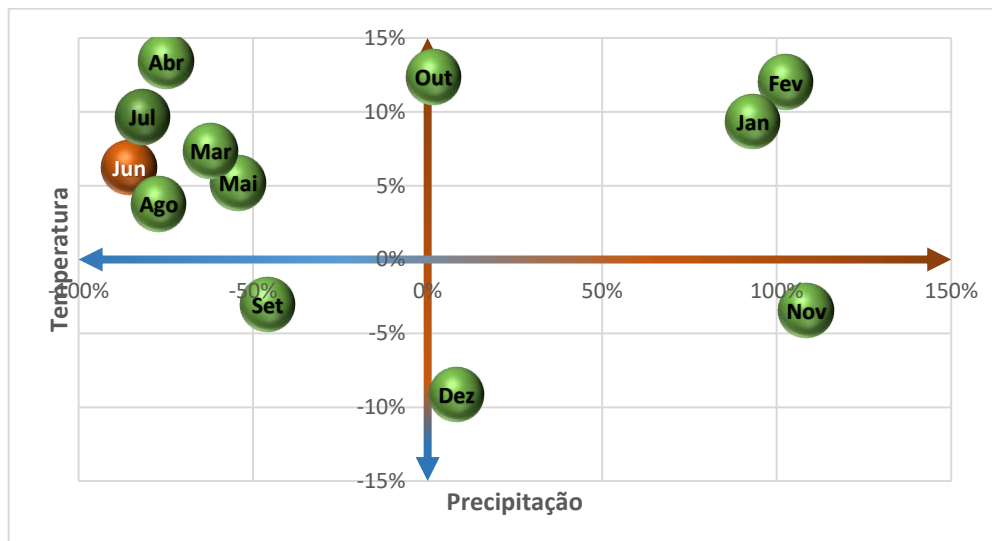


Figura 2. Desvio relativo da temperatura média do ar e precipitação acumulada no Entre Douro e Minho durante os últimos 12 meses, face às normais climatológicas (1971-2000)

1.1 Trás-os-Montes



Figura 3. Primeira Feira Agrícola de Bragança (FAB), 17.06.2026, Bragança

Foto por: Anabela Coimbra

A instabilidade meteorológica na região transmontana foi uma constante ao longo do mês de junho. As condições primaveris registadas durante a primeira semana deram lugar, a partir de dia 10 de junho, a subidas significativas das temperaturas mínima e máxima, que se mantiveram até ao S. João e a que se somaram os diversos períodos de chuva e trovoadas intensas, com fortes rajadas de vento e queda de granizo de forma localizada em

alguns pontos da região, de onde se destacam os concelhos de Armamar, Mogadouro, São João da Pesqueira e Vila Flor.

Os dias e as noites ficaram extremamente quentes e abafados, devido a uma massa de ar muito quente que atravessou o território nacional, trazendo consigo poeiras do Norte de África, que cobriram o céu, conferindo-lhe um ar “nublado”.

No dia 21 de junho assinalou-se o solstício de verão, com as temperaturas a atingirem valores máximos de 38°C (Vila Real) e 39°C (Bragança), acompanhados por elevados níveis de radiação ultravioleta. Nos últimos dias de junho as temperaturas voltaram a subir em toda a região, atingindo valores da mesma grandeza.

O IPMA emitiu vários avisos de período quente e seco, com risco de incêndio e de escaldão para algumas das principais culturas da região – vinha, olival e fruteiras.

Também a Evapotranspiração de Referência (*ET₀*)¹ atingiu valores muito elevados, que no distrito de Vila Real chegaram aos 6,5mm e no distrito de Bragança aos 8mm.

Em grande parte do mês, resultado das trovoadas e da precipitação que se fizeram sentir, a humidade relativa situou-se próxima dos 100%, nunca descendo abaixo dos 55%.

Em sentido inverso seguiram os teores de água no solo, que no final do mês estavam particularmente baixos (ver [plataforma agroclimática](#)).

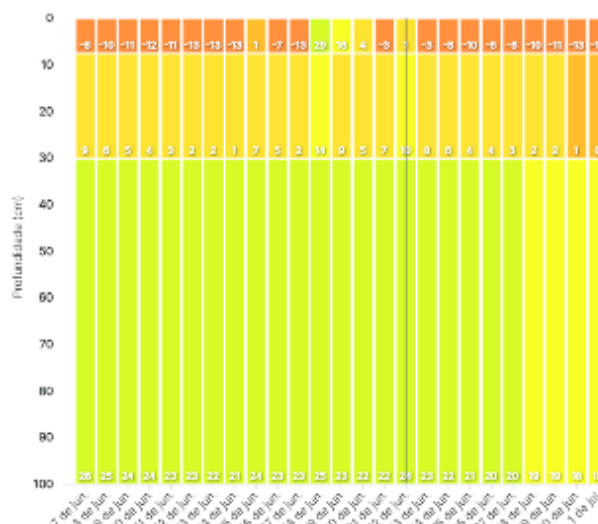
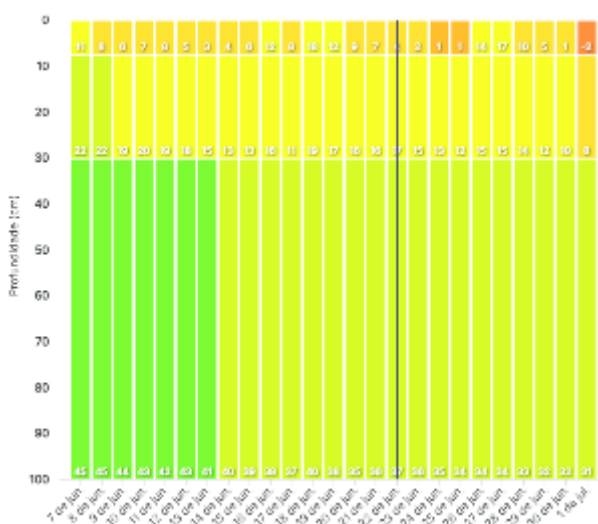


Figura 4. Teores de água no solo, distrito de Vila Real, junho 2026

Figura 5. Teores de água no solo, distrito de Bragança, junho 2026

Fonte: IPMA

¹ Quantidade de água que passa para a atmosfera (evapora) a partir do solo ou das plantas, desde que a superfície desse solo seja completamente coberta por relva. É independente do tipo de cultura.

O conjunto destas condições resultou num número significativo de prejuízos, nomeadamente na vinha, nas fruteiras (em particular nas macieiras) e nas oliveiras. Também as hortas se ressentiram um pouco dos períodos de chuva intensa.



Figura 6. Vinha destruída por ação do granizo, 17.06.2026, Ervedosa do Douro



Figura 7. Pormenor das uvas afetadas pela ação nefasta do granizo, 17.06.2026, Ervedosa do Douro

Fonte: Página Meteo Trás os Montes, na rede facebook



Figuras 8 e 9. Estragos provocados em maçãs, 17.06.2026, Vila Flor

Fonte: Página Meteo Trás os Montes, na rede facebook

Na freguesia de Ervedosa do Douro, no concelho de São João da Pesqueira, boa parte da vinha ficou totalmente destruída devido à queda de granizo e aos ventos fortes que se fizeram sentir (ver fotos 6 e 7).

Nos concelhos de Armamar e Vila Flor alguns produtores de pomóideas sofreram prejuízos, devido às lesões que o granizo causou nas maçãs (ver fotos 8 e 9).

Durante o mês observou-se a continuidade das várias operações culturais, tais como a limpeza das bordaduras das parcelas, as mobilizações do solo, o controlo da vegetação herbácea com recurso a destroçadores e ainda as diferentes operações de corte, secagem e armazenamento das diferentes forrageiras (fenos e aveias). Na primeira quinzena do mês os produtores da **Terra Fria** concluíram as sementeiras das culturas forrageiras de primavera/verão.

Face à precipitação registada, neste momento os solos ainda dispõem de humidade em profundidade, embora a superfície se encontre um pouco desidratada devido às ondas de calor.

Os tanques privados e as charcas estão cheios e neste momento os produtores já regam as suas hortas, as abóboras, o milho de regadio e algumas pastagens, para manterem o pasto verdejante.



Figura 10. Barragem de Gostei, 18.06.2025, Gostei – Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 11. Barragem de Gostei, 17.06.2026, Gostei – Bragança



Figura 12. Barragem de Prada, 13.06.2025, Prada - Vinhais **Figura 13.** Barragem de Prada, 12.06.2026, Prada - Vinhais
Fotos por: Anabela Coimbra

As barragem de Prada (Vinhais) e de Gostei (Bragança) estão praticamente à cota máxima de armazenamento de água, embora com menor quantidade que em igual período do ano anterior (fotos 10 a 13).

Também a barragem de Temilobos, em Armamar, apresenta um bom Nível de Pleno Armazenamento, embora a redução em relação ao mês anterior seja bem evidente.



Figura 14. Barragem de Temilobos, 21.05.2026, Armamar **Figura 15.** Barragem de Temilobos, 24.06.2026, Armamar
Fotos por: Suzana Fonseca

No **Planalto Mirandês** os episódios de aguaceiros e trovoadas (com queda de granizo), podem causar algum atraso no corte das aveias, cuja campanha já vai adiantada.

Atá à data de elaboração deste Boletim, ainda não se verificaram constrangimentos relativos à seca. As barragens e alguns reservatórios de água ainda mantêm um nível de armazenamento considerável, apesar de já se notar alguma diminuição.

As nascentes ainda têm água e os regatos, ribeiros e agueiras ainda têm caudal. Estamos perante níveis de armazenamento e de água retida no solo semelhantes aos verificados em igual período de 2025.



Figura 16. Barragem de Penas Roidas, 16.06.2025, Mogadouro



Figura 17. Barragem de Penas Roidas, 15.06.2026, Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

Na **Terra Quente** as barragens de Vale Madeiro e da Eucísia (em Mirandela e Alfândega da Fé, respetivamente), apresentam volumes de água inferiores aos do ano anterior.



Figura 18. Barragem de Vale de Madeiro, 2025, Mirandela



Figura 19. Barragem de Vale de Madeiro, 2026, Mirandela

Fotos por: Paulo Guedes

Na foto 21 é visível o pormenor dos montes sem vegetação, devido ao incêndio de agosto de 2025.



Figura 20. Barragem da Eucísia, 2025, Alfândega da Fé
Fotos por: Paulo Guedes

Figura 21. Barragem da Eucísia, 2026, Alfândega da Fé

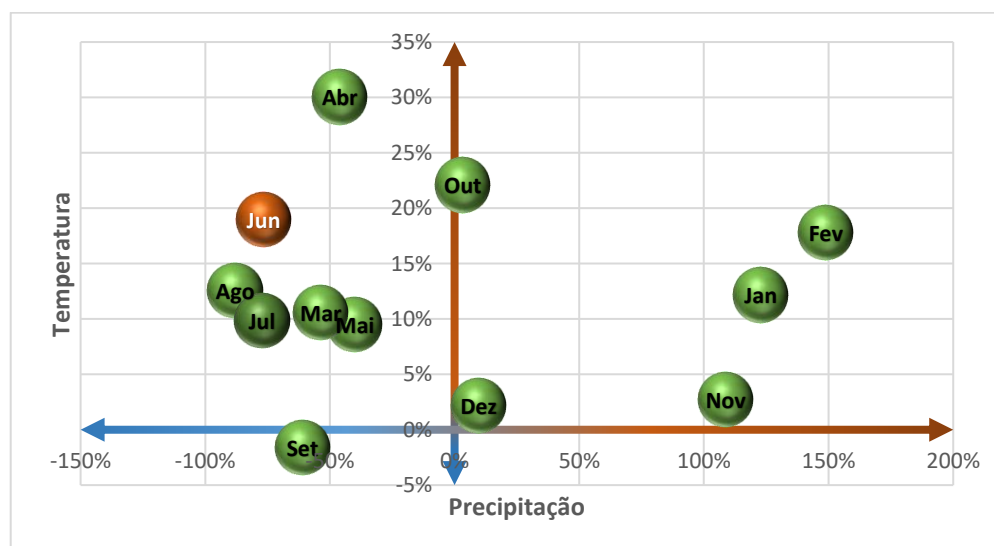


Figura 22. Desvio relativo da temperatura média do ar e precipitação acumulada em Trás-os-Montes durante os últimos 12 meses, face às normais climatológicas (1971-2000)

De assinalar a elevada quantidade de vegetação espontânea distribuída pelos campos, com as gramíneas a começar a amarelar e a servir de combustível, agravando o risco de incêndio.

2 Fitossanidade

2.1 Entre Douro e Minho

O controlo das doenças e das pragas das principais culturas foi facilitado pelas condições atmosféricas das últimas semanas, caracterizadas por temperaturas frequentemente elevadas e redução de precipitação.

Mantém-se a vigilância fitossanitária, tendo em conta as condições favoráveis ao desenvolvimento de doenças criptogâmicas.

Os agricultores realizam os tratamentos recomendados pelos Serviços de Avisos do Entre Douro e Minho, que têm sido totalmente eficazes.

Este ano ainda não foram detetadas, em campo, grandes populações de Traça da Batata (*Phthorimaea operculella*).

Nos prejuízos causados com grande impacto na produtividade, apontam-se os da Lagarta Mineira do milho (*Spodoptera frugiperda*).



Figura 23. Sintomas pontuais de Míldio na folha, Ganfei – Valença, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves



Figura 24. Frutos de pereira com manchas compatíveis com Pedrado, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho



Figura 25. Videira com erinose nas folhas e desavinho no cacho, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho



Figura 26. Ataque de escaravelho na cultura da batata, Terras de Bouro zona de observação do Cávado

Foto por: Maria Laura



Figura 27. Pequenas manchas de Míldio na folha e caule (manchas castanhas) da batata, já controladas, Gondomar, zona de observação do Grande Porto

Foto por: Isabel Correia

A Estação de Avisos do EDM emitiu em junho duas Circulares – a 15 de junho a Circular 9/2026 e a 26 de junho a Circular 10/2026.

Na Circular 9/2026 são abordadas as principais doenças da vinha e são feitas recomendações de intervenções sanitárias, em função do estado de desenvolvimento vegetativo da cultura, tendo em linha de conta a Estimativa de Risco e o Nível Económico de Ataque. Também são deixadas recomendações de tratamentos em função da monitorização do estado de evolução das doenças e pragas para as pomóideas e batateira.

Na página 6 são elencados os inseticidas homologados para combate à Cigarrinha da Flavescência Dourada (*Scaphoideus titanus* Ball.) para o ano de 2026. No quadro 5 são apresentados os tratamentos obrigatórios para esta praga, em função do risco de disseminação por freguesia/concelho.

A Circular 10/2026 faz uma atualização das recomendações de intervenções sanitárias a serem realizadas, em função das condições meteorológicas ocorridas e do Nível Económico de Ataque para a cultura da vinha. Nela constam também recomendações de intervenções para a actínídea, pequenos frutos de baga, citrinos, noqueira e batateira.

2.2 Trás-os-Montes

A instabilidade atmosférica sentida ao longo do mês obrigou a um olhar mais atento às culturas agrícolas, tentando evitar infeções de oídio, míldio e podridão da castanha.

Estiveram reunidas condições favoráveis ao desenvolvimento de diversos fungos, em particular na vinha, na batata e no feijão, bem como de episódios de escaldão nas culturas frutícolas.

Nesse sentido, observa-se em campo que os produtores realizaram oportunamente os tratamentos fitossanitários (preventivos e/ou curativos) necessários à manutenção das plantas em bom estado vegetativo, nomeadamente nas culturas da noz, vinha, lúpulo, batata e feijão.



Figura 28. Aspecto da batata em regime de sequeiro, sem aplicação de fitofármacos, junho/2025, Paçó - Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 29. Aspecto da batata em regime de sequeiro, após aplicação de fitofármacos, junho/2026, Paçó - Vinhais

MESMA PARCELA

Também se regista a realização de tratamentos preventivos e curativos contra as doenças das principais fruteiras da região – Pedrado (*Venturia inaequalis*) nas maceiras e pereiras e Lepra (*Taphrina deformans*) nos pessegueiros.

Como foi referido em Boletins anteriores, este ano a intensidade de ataque da Vespa das Galhas do Castanheiro (*Dryocosmus kuriphilus*) foi superior ao expectável, observando-se de forma generalizada elevada taxa de infestação, com muitas galhas por ramo, e baixa taxa de parasitismo pelo *Torymus sinensis*.



Figura 30. Castanheiro com elevado número de galhas de *Dryocosmus kuriphilus*, Terra Quente

Foto por: Paulo Guedes



Figura 31. Castanheiro onde são visíveis as galhas nas folhas, Armamar

Foto por: Suzana Fonseca



Figura 32. Castanheiro em plena floração, onde se vê uma galha de *Dryocosmus kuriphilus*, Sobreiro de Cima – Vinhais

Foto por: Anabela Coimbra

Nas pomóideas do **Douro Sul**, este ano o Pedrado não tem dado descanso e os produtores têm realizado aplicações frequentes de fungicidas nos pomares. Apesar disso, existe muita fruta afetada pelo desenvolvimento do fungo, que terá pouco ou nenhum interesse comercial (ver fotos 33 e 34).



Figuras 33 e 34. Sintomas de Pedrado (*Venturia inaequalis*) nos frutos, 24.06.2026, Armamar

Fotos por: Suzana Fonseca

Durante o mês foram realizadas mondas químicas, com o objetivo de eliminar parte da fruta nas árvores e obter maçãs com maior calibre (ver fotos 35 e 36).



Figuras 35 e 36. Resultado das mondas químicas nos pomares de macieiras, 24.06.2026, Armamar

Fotos por: Suzana Fonseca

Em junho as Estações de Avisos do Douro e do Norte Transmontano emitiram diversos avisos, sendo que três deles se revestiram de caráter especial.

A 11 de junho a Estação de Avisos da Terra Quente emitiu a Circular 4/2026, dedicada na íntegra às culturas do amendoal e do olival. Nela foram abordadas a Moniliose (*Monilinia laxa*), o Cancro-da-Amendoeira (*Diaporthe amygdali* ou *Fusicoccum amygdali*) e a Traça da oliveira (*Prays oleae*), deixando recomendações acerca da necessidade de intervenções fitossanitárias.

A Estação de Avisos do Douro emitiu a 16 de junho a Circular 8/2026, com os procedimentos a seguir para o tratamento obrigatório contra a Cigarrinha da Flavescência Dourada (*Scaphoideus titanus*).

Para apoiar os agricultores cujas vinhas foram afetadas pela forte queda de granizo do dia 17, essa Estação de Avisos emitiu a 18 de junho a Circular “Granizo” e logo em seguida, com o objetivo de minimizar o risco de escaldão nas uvas, face às previsões do IPMA, emitiu a 19 de junho nova Circular especial “Escaldão”, com indicação de medidas de caráter preventivo.

Também a 19 de junho, a Estação de Avisos do Norte Transmontano emitiu a Circular 10/2026 para apoiar à tomada de decisão nas culturas da vinha, castanheiro e batata. Nesta Circular são descritas ainda as medidas para prevenir os efeitos do escaldão solar.

Das Circulares constam as listas dos produtos fitofármacos homologados para utilizar nas culturas nelas referenciadas, de acordo com o publicado na plataforma SIFITO, da Direção Geral de Alimentação e Veterinária (DGAV).

Para mais informação, pode consultar o portal Agrodigital da CCDR-N e aceder às [Circulares das Estações de Avisos](#)

3 Cereais Praganosos para grão

3.1 Entre Douro e Minho

A maturação dos cereais para grão beneficiou das condições meteorológicas verificadas durante este período e as colheitas já estão a decorrer.

Estima-se uma ligeira quebra da produtividade da aveia para grão (-4%), pelo facto de o ciclo vegetativo ter sido encurtado pela sementeira tardia, mas também do centeio (-1%) e do trigo (-6%), por comparação com o ano passado.

De realçar que estas culturas se destinam praticamente ao autoconsumo e auto utilização nas próprias explorações.



Figuras 37 e 38. Aveia para grão, no final da maturação – 2025 (esq.) e 2026 (dir.), Ganfei – Valença, zona de observação do Minho

Fotos por: Aurora Alves



Figuras 39 e 40. Conservação de centeio em mêdas – semeado em fevereiro em Terras de Bouro (esq.) e em dezembro em Braga (dir.), zona de observação do Cávado

Fotos por: Maria Laura

3.2 Trás-os-Montes

Os cereais praganosos estão a terminar o seu ciclo vegetativo e as searas apresentam um razoável estado vegetativo. O grão está no estado pastoso duro e, quando apertado entre os dedos, apresenta um conteúdo macio e seco. As plantas já apresentam as espigas viradas no sentido do solo, num estado de maturação mais avançado, quando comparadas com o ano anterior (ver fotos 41 a 44).



Figura 41. Centeio, 20.06.2025, Deilão – Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 42. Centeio, 17.06.2026, Deilão – Bragança

MESMA ZONA DE OBSERVAÇÃO

Os solos dispõem de pouca humidade em profundidade e com a subida das temperaturas máximas e mínimas, estão reunidas condições ótimas para o fim da maturação do grão. Segundo os produtores, prevê-se que esse término ocorra no final de junho e que a *ceifa* se inicie no mês de julho.



Figura 43. Centeio, 13.06.2025, Travanca – Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 44. Centeio, 13.06.2026, Travanca – Vinhais

MESMA ZONA DE OBSERVAÇÃO

Na **Terra Fria**, a colheita deverá começar no início de julho no concelho de Bragança e apenas na segunda quinzena do mês no concelho de Vinhais, uma vez que os cereais ainda estão mais verdejantes (ver fotos 44 e 45).

No geral, e por toda a região, prevêem-se produtividades médias inferiores em cerca de 15%, quando comparadas com as do ano anterior, tanto em grão, como em palha.

A exceção é o triticale, onde se prevê a manutenção da produtividade de 2025 em ambos os concelhos, quer em grão, quer em palha.



Figura 45. Trigo, junho 2026, Milhão - Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 46. Aveia para grão, junho 2026, Vila Meã - Bragança



Figura 47. Acama de triticale para grão, junho 2026, Vila Meã - Bragança
Foto por: Anabela Coimbra

A formação de trovoadas com queda intensa de precipitação e granizo, preocupa os produtores, face à possibilidade da acama e consequente destruição dos cereais (ver foto 47).

O grão está pequeno, podendo vir a apresentar baixo peso específico e no solo verifica-se muita vegetação herbácea espontânea, o que deprecia a palha.





Figuras 48 a 50. Estado vegetativo de diferentes cereais, junho 2026, Mirandela

A - Trigo mole

B - Triticale

C - Centeio

Fotos por: Paulo Guedes



Figura 51. Estado fenológico do centeio, maio 2026, Mirandela

Fotos por: Paulo Guedes



Figura 52. Estado fenológico do centeio, junho 2026, Mirandela

MESMA PARCELA

No **Planalto Mirandês** os cereais praganosos (trigo, centeio, aveia, cevada e triticale) também se aproximam da fase final do seu ciclo vegetativo, aproximando-se da época de colheita – a *segada*.

O grão está praticamente cheio e quase no seu peso máximo – em seco e bastante duro nuns casos e noutros ainda em estado pastoso – fase que antecede a maturação fisiológica do grão.



Figuras 53 e 54. Parcela de trigo e pormenor da espiga, 16.06.2026, Ventozelo – Mogadouro

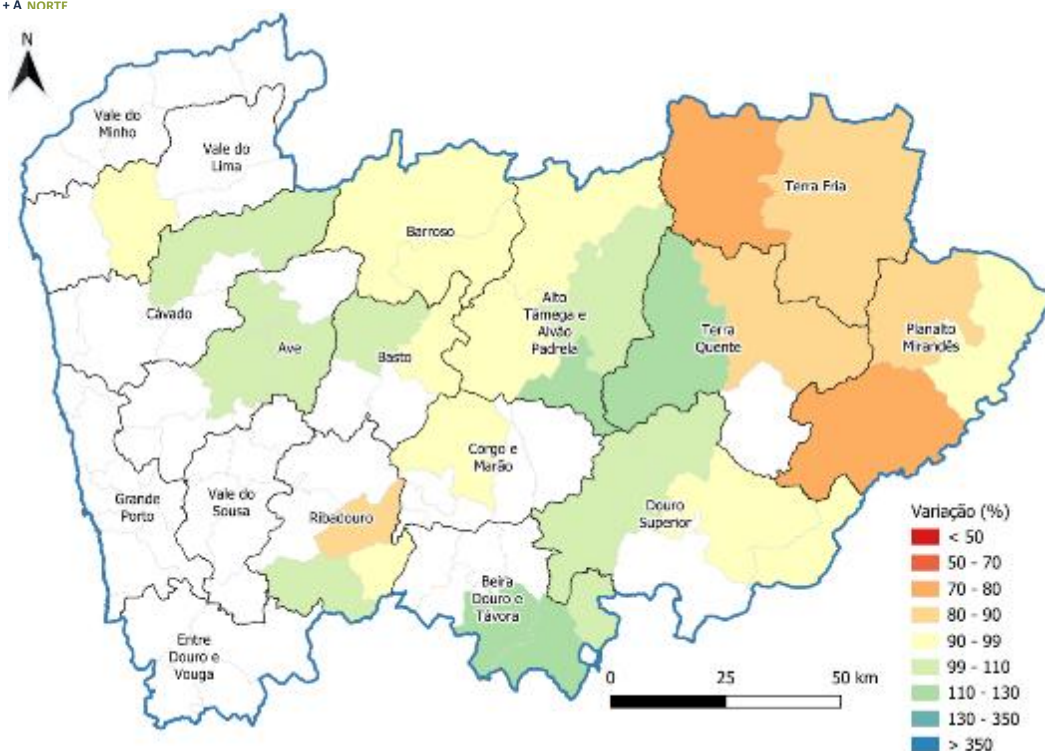
Fotos por: Miguel Martins



Figura 55. Parcela de centeio em Vila de Ala – Mogadouro

Foto por: Miguel Martins

O desenvolvimento destas culturas aparenta estar ligeiramente mais avançado que em igual período de 2025. A cor dourada predomina nas searas e prevê-se uma ligeira redução do calibre do grão, especialmente no trigo e na aveia.



Mapa 1 – Evolução da produtividade de centeio grão por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025

4 Milho grão de Sequeiro | Regadio

4.1 Entre Douro e Minho

As sementeiras temporãs de milho decorreram sem problemas, já que o solo tinha humidade e as temperaturas foram favoráveis. A alteração súbita das condições meteorológicas – que passaram de precipitação e temperaturas amenas, para dias e noites de muito calor e vento forte (provocando a secagem da camada superior do solo) – comprometeu a emergência do milho, que só ocorreu em parcelas regadas.

Há muitas áreas em que o milho não nasceu, pois não é aconselhável regar até à fase de “milho joelheiro” (quando apresenta 6 a 8 folhas e tem cerca de 30 a 40cm), altura em que aprofunda o sistema radicular, evitando futuramente a acama (quando o milho tomba com o vento forte) e garantindo a absorção de água e nutrientes.

Neste momento as searas variam entre o estado de 2-4 folhas e a emissão da bandeira (dependendo da data de sementeira).

Registamos graves ataques de Lagarta Mineira (*Spodoptera frugiperda*), praga que ataca com particular severidade até à fase do milho joelheiro, causando graves prejuízos.

Estima-se uma área muito semelhante de milho de regadio (-1%), assim como igual produtividade do milho grão em regime de sequeiro, quando comparadas com o verificado no ano anterior. Contudo, salvaguarda-se que, no final da época poderá haver desvios entre o milho forrageiro e o milho grão.



Figura 56. Milho grão de sequeiro, semeado em diferentes épocas, Ganfei – Valença, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves



Figura 57. Sementeira de milho, 23.06.2026, Paço de Sousa - Penafiel, zona de observação do Sousa

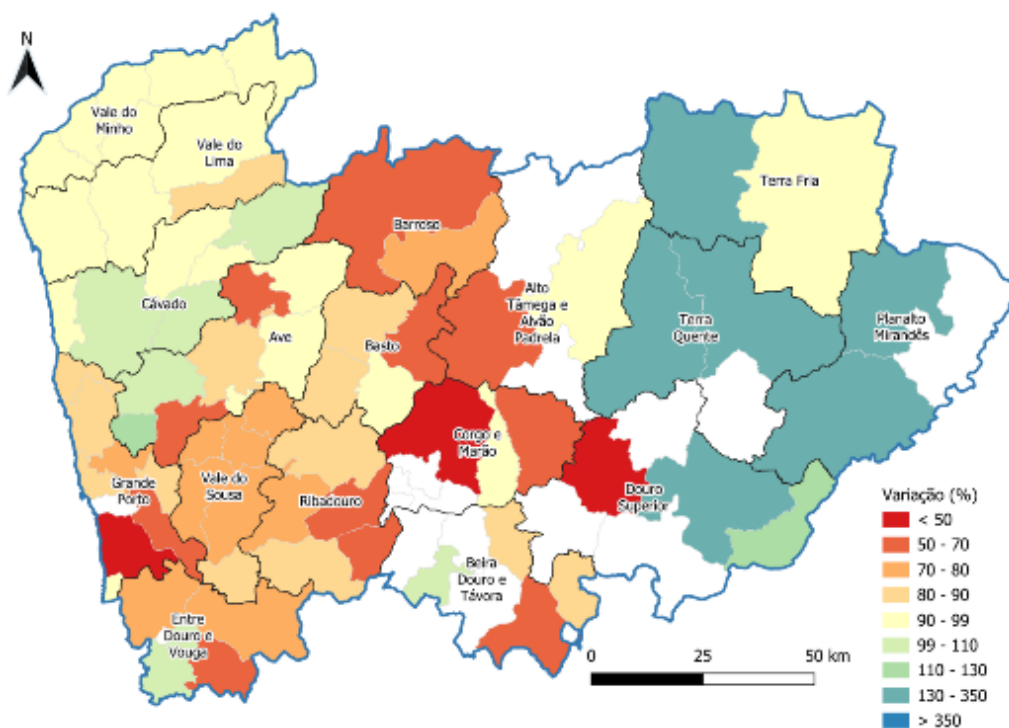
Foto por: Joaquim Moreira

4.2 Trás-os-Montes

O milho, cujas áreas oscilam ligeiramente em sentido ascendente e descendente ano após ano, é geralmente semeado em pequenas parcelas, para autoconsumo.

O seu uso para forragem e silagem é muito importante como parte da alimentação do efetivo pecuário, especialmente no inverno.

No **Planalto Mirandês**, o milho de sequeiro – que neste momento varia entre os 10-30cm de altura – encontra-se verdejante, podendo vir a sofrer de stress hídrico se as condições meteorológicas adversas que se fazem sentir, perdurarem no próximo mês.



Mapa 2 – Evolução da área de milho grão de regadio por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025

5 Leguminosas secas – Grão-de-Bico e Feijão

5.1 Entre Douro e Minho

Na cultura do feijão, sendo de mais difícil avaliação devido ao uso de sementes próprias na maioria dos casos, estima-se uma idêntica área semeada, quando comparada com o ano transato.



Figura 58. Parcela cultivada com feijão, Areosa – Viana do Castelo, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho



Figura 59. Consociação de milho x feijão com bom desenvolvimento vegetativo, Braga, zona de observação do Cávado

Foto por: Maria Laura

A cultura apresenta bom aspeto vegetativo e a maior parte das plantas encontra-se no início da floração.

5.2 Trás-os-Montes

A produção de leguminosas em Trás-os-Montes é feita essencialmente em contexto de horta familiar, o que torna difícil a aferição de área.

Em ambos os casos, a instalação e germinação decorreram da melhor forma, mas existem relatos de que, em determinadas áreas, o feijão não nasceu e teve de ser semeado uma segunda vez. Os produtores recorreram a tratamentos fitossanitários para controlar o aparecimento de Pulgão no feijão, assegurando que a cultura se mantém em bom estado vegetativo.



Figuras 60 e 61. Parcela semeada com grão-de-bico em regime de sequeiro e pormenor das pequenas vagens, Milhão - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra

Nesta campanha prevê-se um ligeiro aumento da área ocupada com estas culturas.

6 Batata | Hortas familiares

6.1 *Entre Douro e Minho*

Os batatais de sequeiro e de regadio de variedades precoces estão a terminar o seu ciclo. Alguns produtores já iniciaram a colheita da batata, mesmo sem a cultura completar a maturação, para beneficiar de melhor preço de mercado.

A batata de sequeiro produziu tubérculos de tamanho médio ao miúdo, estimando-se uma produtividade maior (+2%), em relação ao ano anterior. Para o regime de sequeiro são escolhidas variedades semi-precoces, com alta tolerância à seca, como a "Bellarosa".



Figura 62. Batata de sequeiro da variedade “Bellarosa”, colhida a 25.05.2026, em Gondomar, zona de observação do Grande Porto

Foto por: Isabel Correia

Como se vê na foto acima, a batata desta variedade ainda não está completamente “encascada”, ou seja, a pele sai facilmente, destinando-se ao consumo imediato. É uma variedade semi-precoce, de cor vermelha e polpa amarelo-clara, muito apreciada.

Na batata de conservação o aspeto geral é de batatais muito bem desenvolvidos, em que os ataques de Míldio (*Phytophthora infestans*) foram devidamente controlados, na fase inicial de desenvolvimento da cultura. A ausência de posteriores condições favoráveis ao fungo, evitou mais tratamentos fitossanitários, com economia significativa, comparativamente ao ano anterior. A estimativa aponta para uma maior produtividade (+5%) da batata em regime de regadio, face aos resultados do ano passado.

Os produtores cultivam as variedades mais solicitadas pelos consumidores. Muitos deles vendem “à porta” ou em mercados improvisados à beira da estrada, conseguindo melhores preços para os seus produtos.



Figura 63. Plantação de batata de conservação, das variedades mais procuradas pelos consumidores locais – da direita para a esquerda: “Yona” (tardia), “Picasso” (tardia) e “Bellarosa” (precoce), Gondomar, zona de observação do Grande Porto

Foto por: Isabel Correia



Figura 64. Horta familiar, Terras de Bouro, zona de observação do Cávado

Foto por: Maria Laura

6.2 Trás-os-Montes

A área mais representativa de batata é feita em contexto de horta familiar e a cultura apresenta-se em bom estado vegetativo.

Os produtores priorizam as regas e realizam os tratamentos fitossanitários essenciais à manutenção da cultura em boas condições, nomeadamente a aplicação de fungicidas anti-míldio e de inseticidas para combate ao Escaravelho da Batateira.

Durante o mês a batata esteve em floração e na chamada “batata do cedo” (produzida em regime de sequeiro) já é possível observar alguns regos colhidos, com os produtores a declararem que os tubérculos têm boa qualidade.

Na **Terra Fria**, prevê-se que a produção seja boa, com um ligeiro aumento de cerca de 5%, por comparação com a campanha anterior.

No que toca à batata de regadio, também se estima um ligeiro aumento da área plantada.



Figura 65. Aspecto da batata, regime sequeiro, Deilão - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 66. Aspecto da batata, regime sequeiro, Quintela - Vinhais

As hortas familiares também foram alvo de intensificações, estando concluída a sua instalação. Quando comparadas com a campanha anterior estão mais adiantadas (ver fotos 67 e 68) e o solo já está revestido com as diferentes plantas que constituem as típicas hortas familiares da região, com as culturas da batata, do feijão e da cebola a predominar e a ocupar maior área.



Figuras 67 e 68. Horta familiar em 20.06.2025 (esq.) e em 17.06.2026 (dir.), Gimonde - Bragança

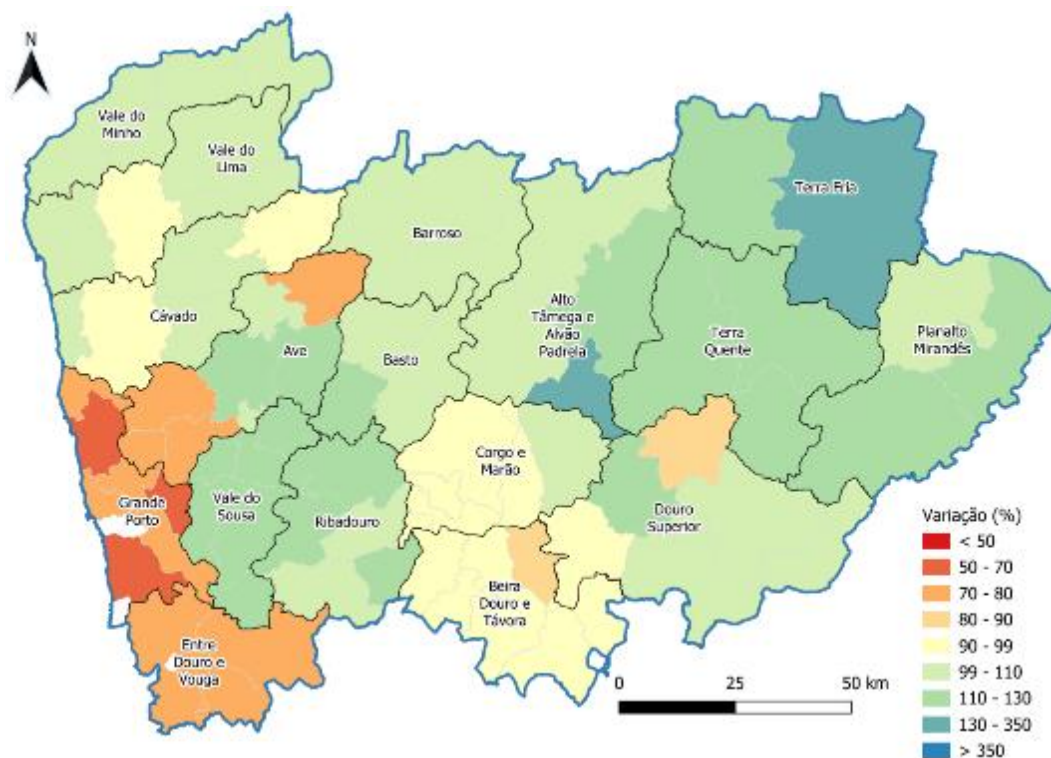
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 69. Horta familiar em 12.06.2026, Mogadouro

Foto por: Miguel Martins

Até ao momento a disponibilidade de água não é um problema, pelo que se espera que, em condições normais, as culturas hortícolas mantenham os níveis de produtividade de 2025, considerado um ano bom.



Mapa 3. Evolução da produtividade da batata de regadio por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025

7 Fruticultura

7.1 Entre Douro e Minho

Actinídeas (Kiwi)

A floração abundante e um bom vingamento parecem tornar o ano promissor, com alguns agricultores a estimar um considerável aumento da produção, em relação ao ano anterior, tanto nas variedades verdes – onde a “Hayward” e a “Érica” são as dominantes – como na variedade amarela “Dori”. Os períodos da formação dos botões, da floração e do vingamento decorreram com tempo seco e algum vento, o que favoreceu a polinização, com as varas a apresentar fruto de uma ponta à outra.

Apesar da perspetiva de um bom ano de produção, há muitos agricultores que após anos consecutivos de baixas produções estão a deixar a fruta nos pomares, sem mondas, na expectativa de que o mercado absorva os calibres mais baixos e os gemelares (que em 2025 foram pagos a 0,6€/kg por uma das empresas do setor).

Há muito fruto gemelar que tem de ser mondado manualmente e essa operação, bem como as podas em verde, decorrem até ao fim de junho. O fruto está na fase de crescimento, que na última quinzena do mês foi acelerado, devido ao calor e à rega adequada.



Figura 70. Mesmo após a monda da flor, é necessário fazer a monda do fruto gemelar, zona de observação do Entre Douro e Vouga

Foto por: Isabel Correia



Figura 71. Elevada quantidade de frutos em planta de kiwi amarelo, augurando uma boa produção, Santa Maria da Feira, zona de observação do Entre Douro e Vouga

Foto por: Isabel Correia



Figura 72. Pomar de kiwis da variedade “Érica”, com muita fruta vingada, Urgeira – Valença, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves

Ameixeiras, Cerejeiras e Pessequeiros

As ameixeiras e os pessegueiros apresentam bom desenvolvimento vegetativo, com taxas de vingamento muito boas e estimativa de produtividade superior à da última campanha. As condições meteorológicas foram favoráveis ao controlo da Lepra.

A campanha da cereja está na fase final, com a produção a revelar-se superior à do ano anterior, resultado das boas condições meteorológicas que se fizeram sentir durante o vingamento dos frutos.

Estima-se que a produção de cereja seja cerca de 2,6 vezes superior à do ano passado e em relação ao pessegueiro, estima-se também um aumento considerável da sua produtividade (+22%), face ao ano anterior.

Mirtilos

A maioria das variedades de mirtilo está entre as fases de desenvolvimento dos frutos e a maturação (a variedade “Legacy” está na fase da última colheita e a variedade “Duke” está em plena colheita).

A campanha está na fase de colheita plena, mas com graves problemas ao nível do armazenamento – as elevadas temperaturas registadas entre os dias 11 e 13 aceleraram a maturação do fruto, o que levou à concentração de grande quantidade nos entrepostos. Para agravar esta situação, grande parte dos pomares tem mais produção e as câmaras de frio não têm capacidade de armazenamento da totalidade, pelo que os operadores recusam a compra de mais fruta, que fica armazenada no exterior durante vários dias.

A colheita das variedades mais precoces iniciou-se mais cedo do que no ano anterior, com algumas explorações a começar no final de maio e outras no início de junho.



Figura 73. Pomar de mirtilo da variedade “Legacy”, com muita fruta vingada, Cossourado – Paredes de Coura, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves

A principal dificuldade enfrentada pelos produtores de pequenos frutos continua a ser a escassez de mão de obra para a realização das colheitas. Verifica-se também o abandono de alguns pomares de mirtilos, consequência das dificuldades de rentabilidade do setor. Esta situação, associada ao aumento da oferta e à pressão dos mercados externos, tem contribuído para a descida dos preços à produção. Em alguns casos, os produtores optam pela venda direta ao consumidor final no pomar, praticando preços na ordem dos 3€/kg, numa tentativa de escoar a produção e minimizar perdas económicas.

Nesta campanha verifica-se uma tendência de descida dos preços, devido à concorrência dos mercados externos, onde as colheitas ainda não tinham terminado, condicionando o escoamento da produção nacional dos frutos precoces.

Todos os anos, por toda a região, os pomares são atacados pela *Drosophila suzukii* (principal praga). Acima dos 30°C a atividade da praga é reduzida e a sua sobrevivência também, interrompendo o ciclo da Mosca e diminuindo a sua população. Esta será a temperatura limite para a fertilidade dos machos, com a postura a realizar-se entre os 10°C e os 30-32°C.

Por comparação com o ano passado, estima-se um aumento da produção de mirtilo (+7%) nesta campanha.



Figura 74. Mirtilos em caixas prontas a seguir para os pontos de venda, zona de observação do Lima
Foto por: Sandra Coelho

Nogueiras, Castanheiros

Nas nogueiras já se observam os frutos vingados, com um estado vegetativo e sanitário mais favorável que no ano anterior.



Figura 75. Nogueira onde se observam frutos saudáveis e com bom desenvolvimento, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho

Os castanheiros encontram-se na fase de floração e observam-se muitos amentilhos visíveis, mas em algumas zonas também já é possível observar ouriços formados.



Figura 76. Variedade precoce de castanheiro, Vila Verde, zona de observação do Cávado

Foto por: Maria Laura

As macieiras, pereiras e marmeleiros apresentam bom desenvolvimento vegetativo, com taxas de vingamento muito boas e estimativas de produtividade superiores às da última campanha – maçã com mais 3% e pêra com mais 8%. As condições meteorológicas foram favoráveis ao controlo do Pedrado (*Venturia inaequalis*) e a população de borboletas do Bichado (*Cydia pomonella*) tem sido muito baixa.



Figura 78. Frutos de maçã em crescimento, Terras de Bouro, zona de observação do Cávado
Figura 79. Pereira com frutos em crescimento, Terras de Bouro, zona de observação do Cávado

Foto por: Maria Laura

Foto por: Maria Laura



Figuras 80 e 81. Marmeleiros com frutos em desenvolvimento, zona de observação do Lima

Fotos por: Sandra Coelho

7.2 Trás-os-Montes

Amendoeiras, Azeleiras, Castanheiros, Nogueiras

As amendoeiras, azeleiras e nogueiras estão em plena frutificação, com as plantas a apresentar-se em bom estado vegetativo. Nas azeleiras e nas nogueiras observam-se menos frutos vingados por planta, mas com maior calibre quando comparado com o mesmo período do ano anterior, o que pode indicar que as plantas estão mais adiantadas no seu ciclo vegetativo (ver fotos 82 e 83).



Figuras 82 e 83. Pomar de nogueiras em regime de sequeiro e aspeto das nozes em plena frutificação, Gostei - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra

No **Douro Sul** já é possível encontrar nozes com manchas escuras, relacionadas com a infeção por Bacteriose da Nogueira (*Xanthomonas campestris* pv *juglandis*). A infeção terá ocorrido no início do desenvolvimento da planta, favorecida pelas condições de humidade registadas nessa fase.



Figuras 84 e 85. Pomar de noqueiras em regime de sequeiro e aspeto das nozes em plena frutificação, Quintela – Vinhais
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 86. Pomar de amendoeiras regime sequeiro, 13.06.2026, Curopos - Vinhais
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 87. Aspeto da avelã em regime sequeiro, 19.06.2026, Gostei - Bragança

Na amêndoa da **Terra Fria** encontramos assimetria nos frutos vingados, calibres menores e menos frutos por planta, comparativamente à campanha anterior. As plantas não estão em bom estado vegetativo (ver foto 86) e é visível o comprometimento dos crescimentos terminais, provocado pelos ataques de Moniliose (*Monilinia laxa*), potenciados pela humidade e temperaturas amenas registadas durante a floração. O fungo causa murchidão nas flores, podridão e mumificação nos frutos e ainda cancrios nos ramos.

No **Planalto Mirandês** o fruto está formado e a amêndoa está na fase de engorda ou enchimento e desenvolvimento. Para garantir o aumento de produtividade previsto para esta campanha, é essencial um bom acompanhamento das necessidades hídricas nesta altura do ano, em particular nas parcelas com sistema de rega instalado.



Figuras 88 e 89. Mesma parcela de amendoal em 14.05.2026 (esq.) e em 12.06.2026 (dir.), Castelo Branco – Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins

No que diz respeito aos castanheiros, entraram em floração durante o mês de junho, tanto as inflorescências masculinas como as femininas. O estado fitossanitário dos soutos está muito comprometido, sendo bem visíveis os ninhos da Vespa-das-Galhas nos crescimentos terminais das plantas.

Nas variedades mais tardias da **Terra Fria**, como a “Judia” e a “Longal”, os glomérulos masculinos estão bem individualizados e o amentilho já atingiu o tamanho definitivo. As variedades mais temporãs estão na fase de abertura das antenas e emissão de pólen.



Figura 90. Castanheiros em floração com as inflorescências masculinas (amentilhos) bem desenvolvidas e na presença de besouros, que se alimentam do seu pólen, área de observação da Terra Quente

Foto por: Paulo Guedes



Figura 91. Castanheiros em floração com as inflorescências femininas bem abertas e recetivas ao pólen, 24.06.2026, Armamar

Foto por: Suzana Fonseca

Estamos perante um início de ciclo muito preocupante, na medida em que o número de galhas sofreu um aumento considerável, quando comparado com igual período do ano anterior, disperso um pouco por toda a área de observação.

Prevê-se que este aumento tenha um impacto negativo na frutificação e, por consequência, na produção, assim como venha a comprometer a rebentação no próximo ano agrícola, uma vez que a praga retira vigor ao castanheiro, tornando a planta cada vez mais debilitada.

Este ano a disseminação da Vespa das Galhas foi muito intensa, sendo possível encontrar árvores afetadas em locais do **Douro Sul** onde a praga ainda não tinha sido identificada ou onde a sua presença era residual.

Ameixiras, Cerejeiras, Pessequeiros

Na **Terra Fria**, grande parte dos produtores optou por não colher a produção de cereja, pois os frutos estavam rachados e a apodrecer. Nesta campanha a produção total é inferior quando comparada com a do ano anterior e segundo os produtores as cerejas colhidas eram pouco doces e tinham baixo poder de conservação.

Na **Terra Quente** e no **Douro Sul** registou-se uma recuperação das variedades semi-tardias e tardias, tanto ao nível da qualidade como da quantidade.

Por todo o lado foi possível observar pomares e árvores isoladas com grandes quantidades de cereja e com calibres bastante interessantes. A qualidade também foi boa, com os frutos a atingirem °Brix elevado, dureza e boa coloração. As últimas variedades a serem colhidas são a “Sweetheart” e a “Staccato”, prevendo-se que a colheita termine na primeira ou segunda semana de julho.

Segundo os produtores do Douro Sul, a abundância de cereja nesta campanha conduzia à grande oferta de produto no mercado e, em consequência, a uma descida ligeira nas cotações, em especial dos valores mínimos.



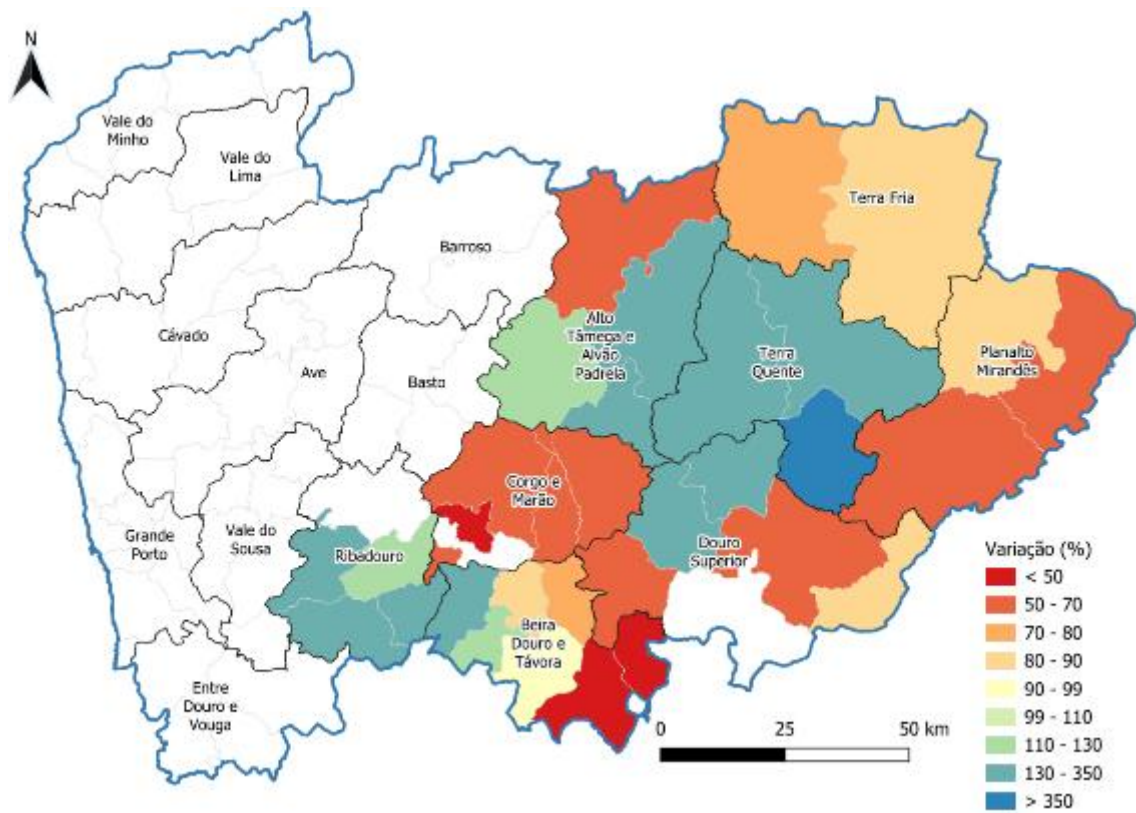
Figura 92. Boa produção de cerejas variedade “Lapin”, colhidas nas últimas semanas de junho

Foto por: Paulo Guedes



Figura 93. Cerejeiras da variedade “Staccato”, 24.06.2026, Lamego

Foto por: Suzana Fonseca



Mapa 4 – Evolução da produção da cereja por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025

Este foi também um ano de boa produção de ameixas e pêsegos, embora não de forma generalizada.

Na **Terra Fria** estas são culturas com pouca expressão, mas as árvores apresentam um razoável desenvolvimento vegetativo, observando-se alguns frutos vingados, tal como aconteceu na campanha anterior, estimando-se que as produtividades sejam idênticas.

Na **Terra Quente**, em especial no Vale da Vilariça, a produção de pêsegos ocupa uma área significativa e registou muita qualidade e boa apresentação, com os produtores a realizarem segunda colheita.



Figuras 94 a 96. Segunda colheita de diferentes variedades de pêsego:

A - Polpa amarela

B - Paraguai

C - Nectarinas

Fotos por: Paulo Guedes

Também no **Douro Sul** este foi um ano importante para a produção de pêsegos e ameixas, que não só obtiveram boa qualidade, como também atingiram bons calibres.



Figura 97. Pessegueiro com boa produção, 24.06.2026, Britiande - Lamego

Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 98. Ameixeiras com boa produção, 24.06.2026, Gojim - Armamar

Figueiras

A colheita dos figos na região transmontana já se iniciou, primeiro pelos figos lampos, mas neste momento já temos também produção de figo verde da época dita “normal”.



Figura 99. Pomar de figueiras extreme - plantação nova

Foto por: Paulo Guedes



Figura 100. Figos da variedade "Dauphine", com maior calibre que os tradicionais

Fotos por: Paulo Guedes



Figura 101. Figos picados pelas aves, sem valor comercial

Os figos são frutos muito apreciados pelas aves, que os picam e comem frequentemente, causando estragos que afetam parte da produção.

Contudo, prevê-se que seja uma campanha com bons resultados, em termos quantitativos e qualitativos, em resposta a um ano com bastante disponibilidade hídrica no solo e temperaturas do ar elevadas, condições que favorecem o desenvolvimento desta cultura.

Mirtilos

Tal como previmos no Boletim do mês de maio, a produção de mirtilo em Trás-os-Montes decorreu com normalidade e os pomares apresentaram produtividades superiores às do ano anterior.

Na **Terra Fria** prevê-se que esse aumento de produtividade se traduza em cerca de 5%, com o fruto a ser neste momento colhido e colocado no mercado – no comércio local e nas feiras.

No **Douro Sul** também está a ser um ano bom para os produtores de mirtilo, dado que mesmo os jovens pomares apresentam boa produtividade.

A colheita dos mirtilos no **Planalto Mirandês** teve início cerca de uma semana mais cedo do que o ano passado, graças a uns dias mais frescos que sucederam a onda de calor do final de maio e que aceleraram a maturação do fruto.

A campanha poderá estender-se até ao mês de setembro, mas os primeiros frutos já se encontram no mercado, com uma aceitação cada vez maior por parte dos consumidores.

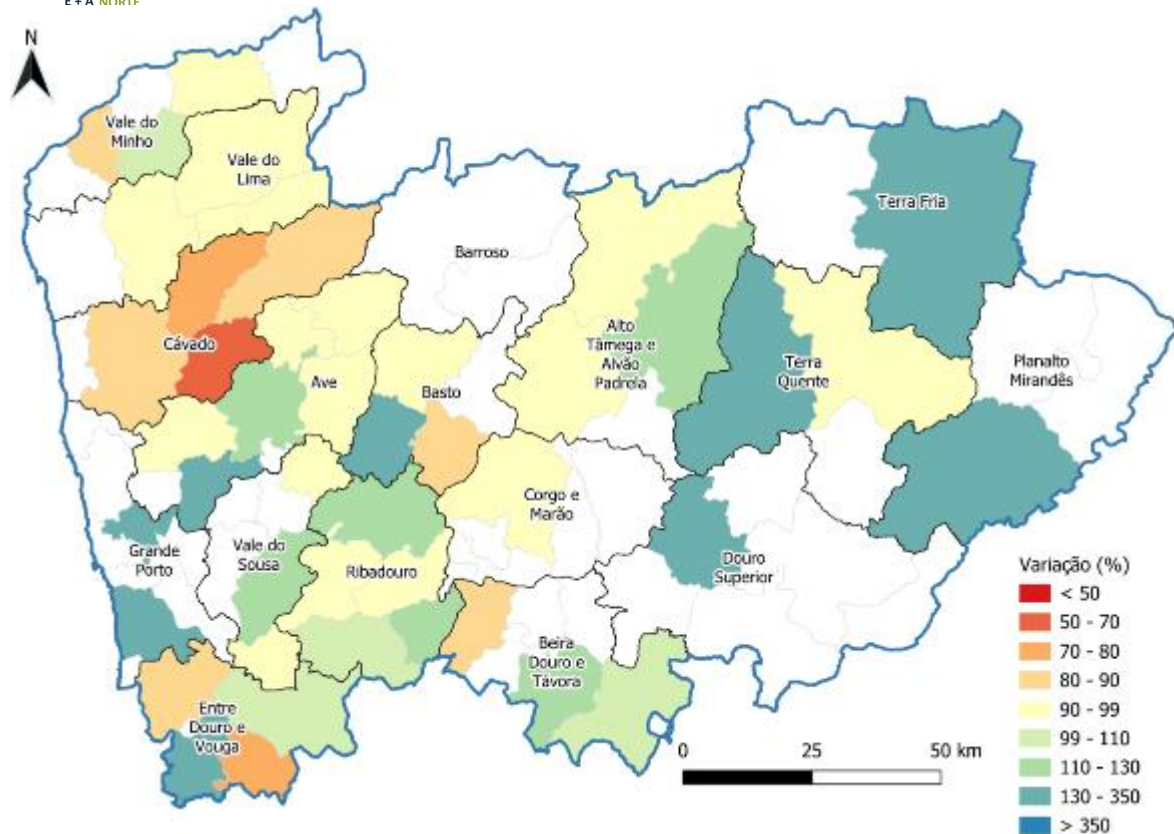
Como é uma cultura de introdução recente, ainda não são conhecidos ataques de pragas ou infeções, não sendo por isso necessário realizar aplicações de inseticidas ou fungicidas. Ainda assim a presença da *Drosophila suzukii* tem sido monitorizada.

Segundo um dos produtores locais, a produtividade da cultura aumenta pausada, mas progressivamente todos os anos.



Figura 102. Pomar de mirtilos com cerca de 1 ano, que já apresenta uma boa produção, e onde o produtor instalou um conjunto de armadilhas “caseiras” para controlo da *Drosophila suzukii*, 24.06.2026, Ferreirim - Lamego

Fotos por: Suzana Fonseca



Mapa 5 – Evolução da produção do mirtilo por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025

Pomóideas

Tal como referido no Boletim do mês anterior, o desenvolvimento das pomóideas faz-se a bom ritmo, com os frutos a atingir calibres elevados.

Na **Terra Fria**, já é possível encontrar frutos de maçã, pera e marmelo vingados, em maior número que no ano anterior, prevendo-se assim que a produtividade seja também ela ligeiramente superior.

Os jovens pomares de macieiras do **Planalto Mirandês** desenvolvem-se com normalidade, graças aos cuidados fitossanitários dos produtores, que os livram da ocorrência de pragas e doenças. Para além disso, os sistemas de rega instalados asseguram a normal produtividade desta cultura, minimizando o efeito das temperaturas elevadas.

Esta é uma sub-região em que a cultura tem tido alguma expansão, talvez resultado da quantificação de horas de frio e da disponibilidade hídrica existente.



Figuras 103 e 104. Pomar de macieiras com normal desenvolvimento vegetativo, resultado da aplicação de fitofármacos, 15.06.2026, Azinhoso - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

No **Douro Sul**, durante o mês de junho foram realizadas as usuais mondas químicas, seguindo a estratégia de aumento do calibre da fruta produzida, potenciando as mais-valias obtidas na comercialização. Os produtores continuam a operacionalizar as aplicações de fitofármacos para o controlo do Pedrado nos pomares e já começaram a ser colhidas as peras da variedade “Dona Joaquina”.

A disponibilidade de água para rega garante que o crescimento dos frutos está a ser feito a bom ritmo, garantindo para já que estão mais adiantados e com calibres superiores a igual período do ano anterior.



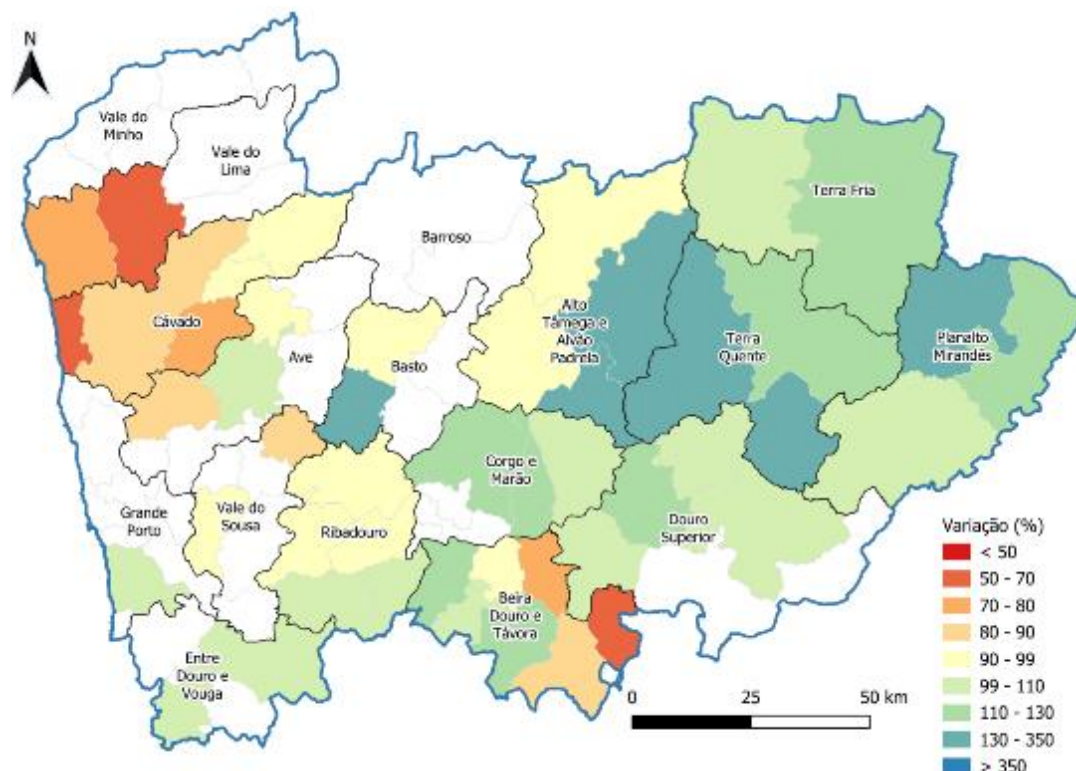
Figura 105. Pomar de macieiras 17.06.2025, Britiande - Lamego

Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 106. Pomar de macieiras 24.06.2026, Britiande - Lamego

MESMA PARCELA



Mapa 6 – Evolução da produtividade de maçã por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025

Sabugueiros



Figura 106. Infrutescências de sabugueiro, 24.06.2026, Meixedo – Tarouca

Foto por: Suzana Fonseca

Em junho a coloração das bagas de sabugueiro estendeu-se a toda a sub-região da Beira Douro e Távora, onde a cultura está particularmente bem instalada.

Nesta fase encontramos infrutescências em grande número, mais ou menos coradas, mas todas elas apresentam bagas bem cheias e redondas, antevendo aquele que poderá ser um excelente ano para esta cultura.

8 Vinha

8.1 *Entre Douro e Minho*

Na região do Alvarinho, a generalidade das vinhas encontra-se no estado de “fecho dos cachos”, ligeiramente mais adiantadas que em igual período do ano anterior.

As condições meteorológicas de junho foram favoráveis à evolução vegetativa das vinhas e proporcionaram menor incidência de doenças fúngicas do que em anos mais chuvosos. Em média foram realizados seis tratamentos fitossanitários, número considerado inferior aos realizados nos últimos anos, em período homólogo.

É visível algum desavinho, provocado pelas condições do tempo na altura da floração, mas que se considera favorável, dada a elevada carga de uvas apresentada pelas videiras.

São estimadas produtividades superiores às do ano anterior, que nesta primeira informação vamos cifrar em 5% para os concelhos de Monção e Melgaço.



Figuras 107 e 108. Vinha da casta “Alvarinho”, no “fecho dos cachos” (esq.) e pormenor de algum desavinho (dir.),
Pias – Monção, zona de observação do Minho

Fotos por: Aurora Alves

Na restante sub-região as vinhas encontram-se, de forma generalizada, entre os estados fenológicos K (“Grão de Ervilha”) e L (“Fecho de Cacho”) e apresentam um bom desenvolvimento vegetativo. Observa-se uma evolução regular, o que leva a estimar que a produtividade seja maior que a do ano anterior (+3%). Também já se efetuam algumas operações em verde, nomeadamente alguma despona e desfolha, para melhorar o arejamento da vegetação e a exposição dos cachos.



Figura 109. Ramada da casta “Vinhão”, com bom desenvolvimento vegetativo, Correlhã – Ponte de Lima, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho



Figura 110. Cachos da casta “Loureiro”, com bom desenvolvimento vegetativo, Correlhã – Ponte de Lima, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho

As condições meteorológicas foram favoráveis ao controlo das doenças, designadamente do Míldio, *Botrytis* e Black-Rot. Contudo, estamos na fase de maior risco de ataques de oídio e as previsões meteorológicas recomendam especial atenção ao seu controlo. As populações de Traça da Uva e de Cigarrinha estão num nível baixo e não têm representado risco significativo.

Estima-se um aumento da produtividade da uva de mesa em cerca de 10%.

8.2 Trás-os-Montes

No final do mês de junho subsiste a heterogeneidade das vinhas da região transmontana, por motivos relacionados com a diversidade edafoclimática desta região.

Na **Terra Fria** os cachos estão bem visíveis e separados e no estado fenológico K – “Grão de Ervilha”, mais adiantados que em igual período do ano anterior. Ao observar os cachos de uvas verifica-se que os bagos estão a crescer, sem assimetrias nos bagos ou nos cachos, indicando que a floração decorreu da melhor forma, assim como o vingamento dos frutos.

A instabilidade atmosférica que se fez sentir ao longo do mês, alternando dias com calor extremo com dias de precipitação pontual, obrigou os produtores a um olhar mais atento à ocorrência de Míldio e Oídio, tendo sido necessário efetuar mais tratamentos fitossanitários que na campanha anterior.

Prevê-se uma boa produção para este ano.



Figura 111. Videira no estado de “Alimpa” (ovários enfrossam e todas as peças florais caem), junho 2025, Curopos - Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 112. Videira no estado de “Grão de Ervilha” (com bagos do tamanho de uma ervilha), junho 2026, Curopos – Vinhais

MESMA PARCELA

Na **Terra Quente**, por seu lado, a vinha está bem mais adiantada e neste momento está no estado de “Fecho dos Cachos”, isenta de problemas fitossanitários.



Figura 113. Videira próxima do “Fecho dos Cachos”

Foto por: Paulo Guedes

No **Planalto Mirandês** a vinha está um pouco mais atrasada – os pâmpanos apresentam bom crescimento e estão completamente formados, com os bagos bem definidos, separados e em bom estado vegetativo.

Esta é a altura oportuna para a realização dos tratamentos preventivos contra o Míldio e o Oídio.



Figura 114. Vinha tradicional, 14.05.2026, Prado Gatão – Miranda do Douro

Fotos por: Miguel Martins



Figura 115. Vinha tradicional, 16.06.2026, Prado Gatão – Miranda do Douro

MESMA PARCELA

A dimensão da zona de observação do **Douro Sul**, que abrange a Beira Douro e Távora e parte da Região Demarcada do Douro, faz dela uma das zonas mais heterogéneas da região transmontana. Nela encontramos videiras a iniciar o “Fecho dos Cachos” e outras já em plena fase de “Pintor”.



Figura 116. Vinha a iniciar o “Fecho dos Cachos”, 24.06.2026, Parada do Bispo – Lamego

Foto por: Suzana Fonseca

Para além dos prejuízos causados pela queda de granizo em alguns locais, este ano os ataques de Oídio têm sido intensos e difíceis de controlar, sendo frequente encontrar vinhas afetadas pela doença. Não obstante, e resultado de um bom vingamento, perspectiva-se uma boa produção para esta campanha.



Figuras 117 e 118. Vinha em pleno “Pintor”, 25.06.2026, Beira Grande – Carrazeda de Ansiães

Fotos gentilmente cedidas por: Alexandrina Areias (AANT)

Para apoiar os Srs. Agricultores na decisão de intervenção, aconselhamos a consulta das [Circulares de Avisos](#) emitidas pelas diferentes Estações da região.

9 Olival

9.1 Entre Douro e Minho

No final deste mês de junho, regra geral as oliveiras encontravam-se no final do estado I1 – 2º estágio de desenvolvimento dos frutos. Apesar da floração ter sido intensa, as condições atmosféricas verificadas até finais de maio resultaram num mau vingamento, aliás como era espectável.



Figura 119. Pormenor de inflorescências com pouca azeitona vingada, Lara – Monção, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves

Sendo um ano de contrassafra, esperam-se as produções muito baixas, comparativamente ao ano anterior.

9.2 Trás-os-Montes

No olival também se manteve a heterogeneidade descrita no Boletim anterior.

Na **Terra Fria** o mês foi de florações e vingamento dos frutos, em condições pouco favoráveis devido à instabilidade atmosférica que se fez sentir. As oscilações de temperatura do início do mês fustigaram as flores e comprometeram o vingamento dos frutos (ver fotos 120 e 121), que são em menor número do que aquilo que seria normal para a região.



Figuras 120 e 121. Olival em regime de sequeiro, em plena floração com as flores queimadas e secas, 17.06.2026, Milhão – Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra

Na **Terra Quente** os frutos encontram-se em pleno crescimento, mas muitos deles acabam por cair prematuramente devido ao excesso de calor e à falta de água no solo.

As imagens 123 e 124 traduzem a elevada quantidade de azeitona que tem caído ao chão, com particular incidência na variedade “Madural”, supondo-se que as elevadas temperaturas sentidas em junho tenham sido a principal causa do seu mau desenvolvimento.

As previsões iniciais de aumento significativo da produção deverão ser revistas em baixa, estimando-se ainda assim que a produção final se mantenha superior à registada no ano anterior.



Figura 122. Azeitona da variedade “Cobrançosa”, com bom calibre e que até à data não teve qualquer problema fitossanitário, nem foi afetada pelas condições meteorológicas.

Foto por: Paulo Guedes



Figuras 123 e 124. Grande quantidade de azeitona caída no chão, após registo de temperaturas muito elevadas

Fotos por: Paulo Guedes

As previsões apontam para um verão particularmente quente, com elevado risco de incêndio, sendo indispensável o controlo da vegetação espontânea nas explorações agrícolas, evitando que se transforme em fonte de combustível.

A questão do olival biológico (e de outras culturas como o amendoal) deve ser ponderada com objetividade, para minimizar a ocorrência de fenómenos como os de 2025.



Figura 125. Olival em agricultura biológica, como fonte de combustível para alimentar incêndios



Figura 126. Olival escarificado e com ferro acoplado para eliminar sulcos

Fotos por: Paulo Guedes

Nas figuras 125 e 126 estão bem patentes dois métodos de produção e gestão de combustível em parcelas de olival, com resultados bem diferenciados.

Nas explorações onde é praticada agricultura biológica nem sempre o controlo da vegetação é realizado da forma mais responsável, traduzindo-se não só num impacto negativo para a cultura instalada, como também para o sistema agrícola global.

A aposta em modos de produção alternativos não pode configurar um risco ambiental para a região, nem para os restantes agricultores que nela operam.

No **Planalto Mirandês**, as oliveiras encontram-se na fase de vingamento e crescimento dos frutos, na expectativa de que este não venha a ser comprometido pelas sucessivas ondas de calor que se têm feito sentir e que podem ser prejudiciais, em especial quando se trata de parcelas desprovidas de sistema de rega.

As oliveiras do **Douro Sul** apresentam um desenvolvimento considerado normal para a época do ano, com os pequenos frutos a crescerem para já sem grandes dificuldades. Não se observa grande quantidade de azeitona nas árvores e os produtores temem que as temperaturas elevadas associadas a eventuais períodos de seca estival possam conduzir a um cenário de frutos de calibres pequenos (danoso, quando se trata de azeitona de mesa) e reduzida rentabilidade em azeite (à semelhança da campanha anterior).



Figura 127. Olival em regime de sequeiro, 24.04.2026, Parada do Bispo – Lamego



Figura 128. Olival em regime de sequeiro, 24.06.2026, Armamar

Fotos por: Suzana Fonseca

10 Prados, pastagens e culturas forrageiras

10.1 *Entre Douro e Minho*

As pastagens de regadio no Entre Douro e Minho apresentam um bom desenvolvimento vegetativo.

As pastagens de sequeiro e as pastagens espontâneas pobres de montanha estão ligeiramente melhores que o ano passado, já que só a partir de dia 12 as temperaturas aumentaram significativamente. A precipitação, mesmo fraca, e a humidade noturna dos últimos dias ajudou à recuperação do stress hídrico e térmico.

A estimativa é de uma ligeira diminuição (-1%) da produtividade das pastagens temporárias e das pastagens permanentes melhoradas e semeadas, enquanto se prevê um aumento da produtividade (+3%) das pastagens permanentes pobres, quando comparadas com o verificado no ano passado.

Dá-se por concluída a colheita das forragens anuais – consociações anuais de outono/inverno e azevém forrageiro. O desenvolvimento vegetativo do milho forrageiro não é uniforme, dependendo muito da época em que foi semeado. Os milhos semeados durante o mês de abril e com disponibilidade de água de rega apresentam um desenvolvimento vegetativo muito bom.

A estimativa aponta para uma diminuição da produção de aveia forrageira (-4%), de azevém anual e consociações forrageiras (-2%) e de raízes e couves forrageiras (-7%), face aos resultados da campanha anterior.

O milho e o sorgo forrageiros têm uma estimativa de produtividade igual à do ano passado. Mantêm-se as condições de alimentação do efetivo pecuário.

10.2 Trás-os-Montes



Figura 129. Pombal tradicional, Fonte de Aldeia – Miranda do Douro

Foto por: Miguel Martins

Em Trás-os-Montes junho foi um mês de colheitas, onde se incluíram as culturas forrageiras.

No **Planalto Mirandês**, onde este tipo de cultura é realizado em extensão, os solos ainda dispõem de humidade – o ano foi chuvoso e as trovoadas de verão trouxeram alguma precipitação – e o panorama não é negativo.

Até uma dada altura a quantidade de matéria verde, quer das herbáceas espontâneas, quer das forrageiras semeadas, superou um pouco a verificada em 2025. Ambos os tipos de vegetação apresentavam uma qualidade aceitável, com boa altura e densidade, fornecendo um pouco mais de alimento ao efetivo pecuário do que no ano passado, sem necessidade de recorrer a rações industriais, palhas ou alimentos armazenados (silagens).



Figura 130. Rolos de aveia forrageira, 16.06.2026, Prado Gatão – Miranda do Douro

Foto por: Miguel Martins

O corte das aveias está praticamente terminado, assim como o corte dos lameiros, que apresentavam matéria verde de qualidade satisfatória e em bom estado de desenvolvimento vegetativo, apesar de abril não ter significado “águas mil” e da precipitação de maio ter ficado um pouco abaixo da normal climatológica.



Figuras 131 e 132. Parcelas distintas de lameiros - na primeira (esq.) já se realizou o corte, mas ambas continuam a disponibilizar matéria verde, 16.06.2026, Brunhosinho - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figura 133. Pastagem permanente de sequeiro (acima), 16.06.2026, Penas Roias - Mogadouro

Figura 134. Pastagem permanente de regadio (esq.), 15.06.2026, Tó - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

Na **Terra Fria**, os produtores de forrageiras iniciaram o corte das consociações anuais de outono/inverno, para ensilar ou enfardar em rolo de plástico, na última semana de maio, tendo terminado na primeira quinzena de junho.

A colheita decorreu sem percalços mas, segundo os produtores, foi cerca de 30% menos produtiva, comparando com o ano anterior, e com menor qualidade.

A vegetação que as compõe apresentava-se em mau estado vegetativo, com porte pequeno, pouca densidade e com o cule principal seco.

As ervilhacas estavam pequenas e os trevos não se desenvolveram nem chegaram a frutificar.



Figura 135. Corte de mistura de forrageiras para silagem, Gostei - Bragança

Foto gentilmente cedida por: Amadeu (Nordeste Gado)

De um modo geral, apresentavam muita vegetação herbácea espontânea e nos silos é evidente o pior estado, por comparação com a campanha anterior, com menos matéria verde e mais desidratada (ver fotos 136 e 137).

Segundo os produtores, as forragens desta campanha terão um aporte proteico mais baixo, uma vez que a frutificação das leguminosas ficou comprometida.



Figura 136. Cultura forrageira mistura de aveia com leguminosas, junho 2025, Gostei - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 137. Cultura forrageira mistura de aveia com leguminosas, junho 2026, Gostei - Bragança

MESMO SILO, ANOS DIFERENTES

A partir da segunda quinzena do mês iniciaram-se os cortes das aveias forrageiras, enfardadas com grão (foto 138) para disponibilizar ao efetivo pecuário como alimento grosseiro durante o inverno. Por toda a área de observação a aveia apresenta um porte ligeiramente inferior, em relação ao ano anterior, mas o grão está em bom estado.

Prevê-se que a produtividade da cultura seja 5% inferior ao obtido no ano anterior, uma vez que a quantidade de palha será um pouco menor.



Figura 138. Rolos de aveia forrageira, Milhão – Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 139. Rolos de feno em lameiro de sequeiro, Paçó – Vinhais

A partir do dia 06 também foi iniciado o corte, acondicionamento e secagem de alguns lameiros de sequeiro (foto 139), mas as pastagens permanentes de regadio, localizadas em solos de aluvião, ainda aguardam para serem fenadas, pois a matéria verde que as compõe está densa, mas com porte pequeno (o encharcamento dos solos até tarde atrasou o crescimento da vegetação e conseqüentemente o seu corte).

As trovoadas pontuais provocaram acama da matéria verde em algumas zonas e dificultam a secagem do feno, que necessita de ser virado mais vezes.

De um modo geral, a produtividade e a produção da vegetação herbácea terão uma quebra na ordem dos 10%.

11 Tabelas com previsões das áreas semeadas, das produtividades e estimativas da produção

Tabela 1. Evolução da produtividade dos cereais praganosos para grão, comparativamente ao ano anterior

Localização	Aveia		Centeio		Cevada		Trigo		Triticale	
	%	Kg/ha	%	Kg/ha	%	Kg/ha	%	Kg/ha	%	Kg/ha
Entre Douro e Minho	95	749	99	700			94	647		
Ave	97	628	98	590						
Basto	80	391	100	733			100	900		
Cávado	100	682	100	705						
Entre Douro e Vouga	93	1 174	100	697						
Grande Porto	100	777	100	423						
Ribadouro	100	556	100	738			100	573		
Vale do Lima	100	776	100	727						
Vale do Minho	92	1 073	100	806						
Vale do Sousa	100	837	100	797						
Trás-os-Montes	100	1 003	95	1 194	101	1 046	93	1 332	100	1 397
A. Tâmega e Alvão P.	105	729	100	1 324	137	1 140	99	1 306	100	1 260
Barroso	100	663	100	1 167			100	1 100		
Beira Douro e Távora	100	884	94	1 426						
Corgo e Marão	100	852	100	1 195						
Douro Superior	117	997	106	1 200	120	1 133	98	1 293	190	1 264
Planalto Mirandês	95	951	94	973	103	1 126	95	1 314	98	1 331
Terra Fria	90	1 080	85	1 190	86	914	85	1 394	100	1 664
Terra Quente	130	1 174	108	1 176	108	1 035	98	1 365	120	1 320
Região Norte	100	987	95	1 182	101	1 046	93	1 329	100	1 397

Tabela 2. Evolução da produtividade da batata de regadio e sequeiro, comparativamente ao ano anterior

Localização	Batata-Regadio		Batata-Sequeiro	
	%	Kg/ha	%	Kg/ha
Entre Douro e Minho	105	17 791	102	10 635
Ave	105	16 156	100	8 494
Basto	107	18 488	108	7 917
Cávado	100	16 647	101	9 733
Entre Douro e Vouga	100	14 622	105	12 452
Grande Porto	100	15 842	106	13 941
Ribadouro	110	17 686	105	7 212
Vale do Lima	100	19 285	100	10 681
Vale do Minho	102	20 466	101	12 421
Vale do Sousa	110	21 909	105	6 727
Trás-os-Montes	101	22 815	101	10 539
A. Tâmega e Alvão P.	100	24 429	100	11 762
Barroso	100	25 000	100	12 172
Beira Douro e Távora	101	24 757	100	11 551
Corgo e Marão	102	25 447	102	14 369
Douro Superior	100	20 052	102	10 820
Planalto Mirandês	100	20 723	100	9 748
Terra Fria	105	24 103	105	8 961
Terra Quente	100	19 198	100	8 509
Região Norte	103	20 862	101	10 574

Tabela 3. Evolução da área semeada com milho grão de regadio e produtividade de milho grão de sequeiro, comparativamente ao ano anterior

Localização	Área		Produtividade	
	Milho-Regadio %	Milho-Regadio Grão ha	Milho-Sequeiro %	Milho-Sequeiro Grão Kg/ha
Entre Douro e Minho	99	12 249	100	2 360
Ave	100	2 160	101	1 886
Basto	99	758	100	2 030
Cávado	99	3 394	100	3 382
Entre Douro e Vouga	99	695	100	3 272
Grande Porto	99	582	100	4 128
Ribadouro	100	1 172	100	1 516
Vale do Lima	99	1 435	100	1 546
Vale do Minho	96	563	100	1 785
Vale do Sousa	100	1 491	100	1 704
Trás-os-Montes	62	1 149	100	1 056
A. Tâmega e Alvão P.	19	169	82	710
Barroso	100	365	100	1 093
Beira Douro e Távora	100	65	100	1 500
Corgo e Marão	100	76	100	1 028
Douro Superior	100	67	101	1 127
Planalto Mirandês	100	177	95	1 169
Terra Fria	106	59	95	921
Terra Quente	100	170	203	1 618
Região Norte	94	13 398	100	1 662

Tabela 4. Evolução da área semeada de feijão e produtividade do grão-de-bico, comparativamente ao ano anterior

Localização	Área Feijão		Produtividade Grão-de-Bico	
	%	ha	%	Kg/ha
Entre Douro e Minho	100	404		
Ave	100	60		
Basto	99	23		
Cávado	100	107		
Entre Douro e Vouga	99	31		
Grande Porto	99	19		
Ribadouro	100	44		
Vale do Lima	100	73		
Vale do Minho	100	14		
Vale do Sousa	100	33		
Trás-os-Montes	99	2 402	103	700
A. Tâmega e Alvão P.	92	250	102	643
Barroso	100	3		
Beira Douro e Távora	102	10	102	977
Corgo e Marão	100	15	110	825
Douro Superior	102	330	104	774
Planalto Mirandês	100	488	100	780
Terra Fria	105	78	105	693
Terra Quente	100	1 230	106	546
Região Norte	100	2 806	103	700

Tabela 5. Evolução da produtividade da maçã, pera e pêsego e produção de cereja, comparativamente ao ano anterior

Localização	Maçã		Produtividade Pera		Pêssego		Produção Cereja	
	%	Kg/ha	%	Kg/ha	%	Kg/ha	%	ton.
Entre Douro e Minho	103	6 321	108	4 455	122	3 316	260	5 770
Ave	100	6 097	100	3 969	100	1 988	128	3
Basto	100	6 096	100	5 393	291	1 950	265	10
Cávado	100	9 319	100	4 371	100	3 034	100	2
Entre Douro e Vouga	100	7 930	100	8 336	100	7 179	1 038	1
Grande Porto	100	6 720	100	6 912	100	6 895		
Ribadouro	120	4 563	129	3 770	445	2 875	261	5 733
Vale do Lima	100	4 569	100	3 457	100	3 929	100	2
Vale do Minho	100	4 113	100	3 479	100	3 001	100	1
Vale do Sousa	106	5 723	152	3 635	527	2 290	226	17
Trás-os-Montes	98	29 428	108	13 343	167	12 889	159	6 658
A. Tâmega e Alvão P.	100	19 787	100	15 794	123	7 229	222	563
Barroso	100	6 316	100	6 750	100	4 000	100	2
Beira Douro e Távora	98	32 277	99	14 998	100	8 943	100	2 463
Corgo e Marão	100	33 287	100	11 944	100	7 399	100	84
Douro Superior	100	24 548	150	16 503	195	22 576	188	976
Planalto Mirandês	100	11 757	100	6 409	100	6 312	105	91
Terra Fria	105	12 063	103	4 750	100	1 727	80	186
Terra Quente	100	17 317	105	9 852	195	13 645	420	2 293
Região Norte	98	27 732	108	10 581	162	10 353	194	12 428

Tabela 6. Evolução da produtividade uva de mesa e produção de mirtilo, comparativamente ao ano anterior

Localização	Produtividade Uva de Mesa		Produção Mirtilo	
	%	Kg/ha	%	ton.
Entre Douro e Minho	110	4 008	107	4 588
Ave			107	363
Basto	110	1 980	159	146
Cávado			100	448
Entre Douro e Vouga			94	460
Grande Porto			105	307
Ribadouro	110	4 412	110	2 234
Vale do Lima			100	179
Vale do Minho			100	113
Vale do Sousa	110	2 970	110	338
Trás-os-Montes	101	2 254	101	941
A. Tâmega e Alvão P.	109	2 073	100	166
Barroso			100	4
Beira Douro e Távora	97	3 396	100	241
Corgo e Marão	100	1 964	100	55
Douro Superior	101	1 699	100	88
Planalto Mirandês	100	2 395	104	72
Terra Fria	100	2 062	105	89
Terra Quente	100	2 126	100	226
Região Norte	103	2 515	106	5 530